

Guias Policiais sobre Policiamento Orientado para os Problemas
Série de Guias para Problemas Específicos
Guia N.º 12

O Bullying nas Escolas

(No original: *Bullying in Schools*)

Rana Sampson



Maio - 2009



Tradução: Chefe Evaristo Ferreira
CDPAVR/SPPP
Novembro - 2011

O Bullying nas Escolas

Rana Sampson

Este projecto teve o apoio do acordo de cooperação N.º 99-CK-WX-K004 do “Office of Community Oriented Policing Services”, do “U.S. Department of Justice”. As opiniões aqui contidas são as da autora e não, necessariamente, representam a posição oficial do “U.S. Department of Justice”.

As referências a companhias específicas, produtos, ou serviços não devem ser consideradas como de apoio a esses mesmos produtos nem pela autora nem pelo “U.S. Department of Justice”. Neste sentido, aquelas referências são usadas para complementar as discussões dos assuntos.

© 2009 Center for Problem-Oriented Policing, Inc. O “U.S. Department of Justice” reserva-se no direito de, mesmo numa base de royalty-free, não exclusiva e irrevogável, licenciar a reprodução, a publicação ou outro qualquer uso, bem como a autorizar outros a usarem esta publicação para propósitos governamentais federais. Esta publicação poderá ser livremente distribuída e usada para propósitos educacionais e não comerciais.

As referências da internet citadas nesta publicação eram válidas em Maio de 2009. Devido a que os URL’s e os websites estão em constante fluxo, nem a autora nem o “COPS Office” podem garantir a sua actual validade.

Nem a autora nem o Departamento de Justiça dos Estados Unidos se responsabilizam pela exactidão desta tradução.

www.cops.usdoj.gov

ISBN: 1-932582-11-8

Acerca da Série de Guias para Problemas Específicos

Os Guias para Problemas Específicos resumizam o que é sabido acerca da forma como a polícia poderá reduzir os malefícios causados pelos problemas originados pelos crimes e desordens específicas. São guias para prevenir e melhorar as respostas genéricas aos incidentes, não para investigar ofensas ou para lidar com incidentes específicos. Tampouco cobrem todos os detalhes técnicos referentes à forma de implementar respostas específicas. Estes guias foram escritos para os polícias – de qualquer graduação ou missão – que tenham de lidar com qualquer dos problemas específicos abrangidos por estes guias. Estes guias serão de muita utilidade para os elementos policiais que:

- **Compreendem os princípios e os métodos básicos do policiamento orientado para os problemas.** *Estes guias não são originais em termos de policiamento orientado para os problemas. Visam, somente de forma abreviada, ajudar à inicial tomada de decisão na reflexão sobre um problema em particular, nos métodos para analisar o problema, e nos meios de atestar os resultados de um projecto de policiamento orientado para os problemas. Foram concebidos para ajudar a polícia a decidir a melhor forma de analisar e lidar com um problema que tenha sido já identificado. (Trata-se de uma série de guias-ferramentas para a resolução de problemas policiais que ajudam nos vários aspectos da análise e avaliação de problemas.)*
- **São capazes de olhar para um problema em profundidade.** *Dependendo da complexidade do problema, devemos estar preparados para despende muito tempo, por vezes semanas, ou até meses, a analisar e a responder ao mesmo. Estudar cuidadosamente um problema antes de implementar a resposta ajuda a conceber a estratégia mais correcta, aquela que melhor resultará na comunidade onde trabalhamos. Não devemos adoptar, cegamente, as respostas que outros já usaram; devemos decidir se, as mesmas, são apropriadas à nossa situação local. O que é verdade num lugar poderá não ser verdade noutro lugar qualquer; o que funciona num lugar poderá não funcionar noutro lugar qualquer.*
- **Têm vontade de considerar novas formas de conduzir o “trabalho” policial.** *Os guias descrevem respostas que outros departamentos de polícia já usaram ou que estudiosos já testaram. Apesar de nem todas as respostas referidas nos guias poderem ser apropriadas para o nosso problema em particular, elas devem ajudar a dar-nos uma visão abrangente do tipo de coisas que poderemos fazer. Poderemos pensar que não é possível implementar algumas destas respostas na nossa jurisdição, mas talvez o consigamos. Em muitos lugares a polícia descobriu respostas mais eficazes e, também, tiveram sucesso em conseguir mudanças na legislação e nas políticas, melhorando as respostas aos problemas. (trata-se, pois, de uma série de guias-ferramentas para a resolução de problemas policiais que nos ajudam a compreender como funcionam algumas respostas usadas habitualmente pelas polícias para resolver uma variedade de problemas.)*
- **Compreendem o valor e as limitações dos conhecimentos provenientes dos estudos.** *Para alguns tipos de problemas, estão disponíveis grandes quantidades de estudos úteis para as polícias; para outros problemas, muito pouco existe disponível. Por isso, alguns dos guias*

desta série resumem os estudos existentes, enquanto outros guias ilustram a necessidade de mais estudos sobre um problema em particular. De qualquer forma, os estudos nunca fornecem respostas que sejam definitivas e que possamos adotar em todas as questões postas pelos nossos problemas. Os estudos podem-nos ajudar a iniciar a concepção das nossas respostas, mas não nos podem dizer exactamente o que fazer. Isso vai depender, em grande medida, da natureza particular do nosso problema local. No interesse em manter os guias legíveis, nem todos os estudos relevantes são citados e nem, tampouco, todos os pontos foram atribuídos às respectivas fontes. Se o tivéssemos feito, isso só iria sobrecarregar e distrair o leitor. As referências citadas no final de cada guia são aquelas consideradas de maior peso; não são uma completa bibliografia dos estudos feitos sobre a temática.

- **Estão dispostos a trabalharem com outros para encontrar soluções eficazes para os problemas.** A polícia, por si só, é incapaz de implementar muitas das respostas discutidas nestes guias. Frequentemente, devem implementá-las em parceria com outros responsáveis de corporações públicas e privadas, incluindo outras agências governamentais, organizações não governamentais (ONG), comerciantes, industriais, grupos comunitários e cidadãos individuais. Um solucionador de problemas eficaz deverá saber como forjar parcerias genuínas com outros e deve estar preparado para investir consideráveis esforços para que essas parcerias funcionem. Cada guia identifica indivíduos ou grupos em particular, no seio das comunidades, com os quais a polícia poderá trabalhar no sentido de melhorar o conjunto de respostas a um dado problema. Através da análise dos problemas, frequentemente, é revelada a existência de indivíduos e de grupos, para além da polícia, que se encontram numa posição muito mais forte para lidarem com os problemas, motivo porque a polícia deverá transferir, para estes, muita da responsabilidade que lhe cabe e para que o façam como, também, lhes compete. O Guia de Respostas n.º 3, *Transferindo e Partilhando a Responsabilidade pelos Problemas de Segurança Pública (Shifting and Sharing Responsibility for Public Safety Problems*, no original) fornece uma discussão mais aprofundada sobre este tópico.

O “COPS Office” define o policiamento comunitário como “uma filosofia que promove estratégias organizacionais, a qual advoga o uso sistemático de parcerias e de técnicas de resolução de problemas para, proactivamente, lidar com as condições imediatas que fazem surgir problemas de segurança pública, tais como o crime, a desordem social e o medo do crime.” Estes guias enfatizam a resolução de problemas e as parcerias entre a polícia e a comunidade no âmbito da procura de soluções para problemas específicos de segurança pública. Na maioria dos casos, as estratégias organizacionais que poderão facilitar a resolução de problemas e as parcerias entre a polícia e a comunidade são tantas e tão variadas que, discuti-las a todas, estará para além do âmbito destes guias.

Estes guias extraem conclusões de estudos feitos e de práticas policiais provenientes dos Estados Unidos da América, do Reino Unido, do Canadá, da Austrália, da Nova Zelândia, da Holanda e da Escandinávia. Apesar das leis, costumes, e práticas policiais variarem de país para país, é evidente que as polícias, em todos os países, vivenciam problemas comuns. Num mundo que, cada vez mais, se encontra interligado, torna-se importante que as polícias tomem

conhecimento dos estudos e das práticas de sucesso que são feitas além das fronteiras do seu próprio país.

A informação contida em cada guia foi revista, extensivamente, tendo em conta toda a literatura estudada e as práticas policiais conhecidas, e cada guia foi revisto, anonimamente, por um agente policial no activo, um executivo policial e um estudioso, previamente à sua publicação. Este processo de revisão foi conduzido com independência do “COPS Office” - entidade que solicitou as revisões.

O “COPS Office” e os autores agradecem o fornecimento de feedback sobre este guia e o relato das experiências pessoais e das agências policiais sobre como lidaram com problemas similares. A sua agência policial pode ter utilizado respostas mais eficazes para resolver um determinado problema, as quais não tenham sido tidas em consideração nestes guias, pelo que as suas experiências e conhecimentos poderão vir a beneficiar outros. Essa informação poderá vir a ser utilizada para actualizar estes guias. Se desejar fornecer algum feedback e partilhar as suas experiências elas devem ser enviadas por e-mail para askCOPSRC@usdoj.gov.

Para mais informações acerca do Policiamento Orientado para os Problemas (POP), visite a página online do “Center for Problem-Oriented Policing” em www.popcenter.org. Este website oferece acesso gratuito, online, sobre:

- A série de guias para problemas específicos,*
- A série de guias de respostas e ferramentas para resolução de problemas,*
- Publicações sobre análise criminal e policiamento no âmbito do terrorismo,*
- Informações instrutórias acerca do policiamento orientado para os problemas e sobre tópicos relacionados,*
- Um exercício interactivo de treino sobre policiamento orientado para os problemas,*
- Um módulo interactivo sobre análise de problemas,*
- Importantes estudos e práticas policiais, e*
- Informação acerca de conferências e programas premiados relativos ao policiamento orientado para os problemas.*

Agradecimentos

A série de Guias Policiais sobre Policiamento Orientado para os Problemas deve-se a um esforço de colaboração. Enquanto cada guia tem um autor original, outros membros da equipa do projecto, pertencentes ao efectivo do “COPS Office”, e revisores anónimos contribuíram para a elaboração de cada guia propondo textos, recomendando estudos, e oferecendo sugestões relativamente ao formato e ao estilo.

A equipa principal do projecto que desenvolveu a série de guias é composta por Herman Goldstein, professor emérito da University of Wisconsin Law School; Ronald V. Clarke, professor de justiça criminal da Rutgers University; John E. Eck, professor associado de justiça criminal da University of Cincinnati; Michael S. Scott, professor assistente clínico da University of Wisconsin Law School.; Rana Sampson, consultora policial de San Diego; e Deborah Lamm Weisel, directora de estudos policiais da North Carolina State University.

Karin Schmerler, Rita Varano, e Nancy Leach supervisionaram o projecto para o “COPS Office”. Megan Tate Murphy coordenou e realizou a revisão para o “COPS Office”. Suzanne Fregly editou os guias. Os estudos para os guias foram realizados na Criminal Justice Library da Rutgers University, sobre direcção de Phyllis Schultze, por Gisela Bichler-Robertson, Rob Guerette, e Laura Wyckoff.

A equipa do projecto deseja agradecer, também, aos membros dos departamentos policiais de San Diego, National City, e Savannah, pelo fornecimento de feedback sobre o formato e estilo dos guias nos estádios iniciais do projecto, assim como enquanto agentes policiais no activo, ou enquanto responsáveis policiais, e aos estudiosos que revisaram cada um dos guias.

Conteúdo

Acerca da Série de Guias para Problemas Específicos . 4

Agradecimentos . 7

O Problema do Bullying nas Escolas . 9

Definição do Bullying . 10

Problemas Relacionados . 11

Extensão do Problema do Bullying . 11

No Limiar do Problema: A Relutância em Denunciar . 12

O Comportamento Bullying . 13

Bullies . 15

Incidentes de Bullying . 16

Vítimas de Bullying . 17

Consequências do Bullying . 17

Vítimas Crônicas do Bullying . 18

Compreender o nosso Problema Local . 19

Fazer as Perguntas Certas . 19

A Escola . 20

Ofensores . 21

Vítimas e Vitimização . 21

Locais onde o Bullying Ocorre . 21

Avaliar a nossa Eficácia . 21

Respostas ao Problema do Bullying nas Escolas . 23

Requisitos Gerais para uma Estratégia Eficaz Contra o Bullying nas Escolas . 23

Respostas Específicas para reduzir o Bullying nas Escolas . 24

Respostas com Eficácia Limitada . 26

Anexo A: Sumário das Respostas ao Bullying nas Escolas . 28

Anexo B: Exemplo de Brochura Informando os Encarregados de Educação acerca do Bullying na Escola . 32

Notas Finais . 35

Referências . 37

Acerca da Autora . 40

Outros Guias sobre Policiamento Orientado aos Problemas . 41

O Problema do Bullying nas Escolas

Existe uma nova preocupação acerca da violência nas escolas, e a polícia terá que assumir a responsabilidade de ajudar os responsáveis escolares a garantir a segurança da população escolar. À medida que a pressão para deslocar agentes policiais para as escolas aumenta, as agências policiais devem decidir a melhor forma de contribuir para a segurança escolar. Será que a presença policial nas escolas aumenta a segurança? Se a polícia não pode, ou não deve, estar presente em todas as escolas, poderão outros contribuir para a segurança escolar? Quais são as melhores abordagens e as melhores práticas?

Porventura, ainda mais que quaisquer outros problemas de segurança escolar, o bullying afecta o sentimento de segurança dos estudantes. As mais eficazes formas de prevenir ou diminuir o bullying requerem o empenhamento das administrações escolares através de esforços intensos; o interesse policial no aumento da segurança escolar passa pelo uso da sua influência em encorajar as escolas a resolverem o problema. Este guia fornece a polícia de informação acerca do bullying nas escolas, a sua extensão e causas, e permite que a polícia oriente as escolas para deixarem de usar as soluções, mais comumente usadas, que já se mostraram ineficazes noutros lugares, e para desenvolverem soluções que de facto funcionem. §

§ Porque é que a polícia se deve preocupar acerca do problema da segurança enquanto outros, como as administrações escolares, estão melhor equipadas para o resolver? Podemos encontrar inúmeros exemplos de problemas de segurança relativamente aos quais, a parte mais promissora do papel policial se prende com a consciencialização e o envolvimento de outros em, efectivamente, gerirem os problemas. Por exemplo, no caso de tráfico de droga realizada na privacidade de um complexo de apartamentos, a estratégia policial mais eficaz consiste na educação dos proprietários e dos gestores dos condomínios sobre as estratégias mais eficazes para que consigam reduzir a vulnerabilidade das suas propriedades aos mercados de drogas.

§§ É importante referir que, enquanto o bullying possa ser um dos factores que contribuem para os tiroteios em muitas escolas, esta não é a causa principal dos tiroteios nas escolas.

§ Para uma excelente revisão dos estudos sobre o bullying desde 1992, ver Farrington (1993).

§§ Enquanto jovens adultos, os ex-bullies da Noruega aumentaram para o quádruplo, nos níveis relativamente sérios, de recidiva criminal (Olweus 1992). Estudos realizados na Holanda e na Austrália, igualmente, registaram aumentos nos níveis dos comportamentos criminais nos adultos que foram bullies (Farrington 1993; Rigby e Slee 1999).

O bullying está bastante disseminado e talvez seja um dos problemas de segurança das escolas americanas menos denunciados.¹ Contrariamente à crença popular, o bullying ocorre com mais frequência no interior das escolas que nos percursos casa/escola/casa. O bullying já foi considerado como um simples ritual de passagem ou como um comportamento relativamente inofensivo que servia para ajudar a construir o carácter dos jovens, mas sabe-se agora que o bullying produz efeitos nefastos que perduram ao longo da vida, tanto para a vítima como para o agressor (bully). O bullying é visto, erradamente, como um comportamento anti-social restrito e confinado aos recreios das escolas primárias. Nos EUA, está a crescer a consciencialização para o problema, especialmente

por causa de relatórios que referem que, em dois terços dos recentes tiroteios em escolas (nos quais o atirador ainda ficou vivo para contar) o atacante tinha sido, anteriormente, vítima de bullying. “Naqueles casos, a experiência de bullying parece ter tido um papel de grande importância na motivação do atacante.”², §§

Os estudos internacionais sugerem que o bullying é um comportamento comum nas escolas e ocorre para além das escolas primárias; o bullying ocorre em todos os níveis de ensino, muito embora com mais frequência durante a escola primária. Ocorre com menos frequência no ensino secundário, e por isso ainda menos, mas ainda assim com alguma frequência no ensino superior. § Os caloiros do ensino superior estão particularmente vulneráveis ao bullying.

Dan Olweus, académico da Noruega, realizou um projecto de estudo inovador, nos anos 70, expondo a natureza abrangente e nefasta do bullying nas escolas.³ O bullying encontra-se muito bem documentado na Europa, no Canadá, no Japão, na Austrália, e na Nova Zelândia, o que nos fornece um extenso conjunto de informações sobre o problema. Os estudos realizados em alguns países têm demonstrado que, sem intervenção nesta área, os bullies são muito mais propensos a desenvolverem comportamentos criminais futuros que os seus pares, §§ e que as vítimas do bullying continuam a sofrer de problemas psicológicos muito tempo após ter terminado o bullying.

Definição do Bullying

O bullying tem duas componentes-chave: acções nefastas repetidas e desequilíbrio de poder. Envolve a repetição de ataques físicos, verbais, ou psicológicos, ou intimidações directamente dirigidas a uma vítima que não se consegue defender adequadamente devido ao tamanho ou à força, ou porque a vítima se encontra em inferioridade numérica, ou porque é psicologicamente menos resistente.⁴

O bullying inclui agredir, rasteirar, intimidar, espalhar boatos e isolar, exigir dinheiro, destruir objectos, furtar objectos de valor, destruir trabalhos escolares, insultar e chamar nomes. Nos EUA, outros comportamentos existentes nas escolas (alguns dos quais são ilegais) são reconhecidos como formas de bullying, tais como:

- O assédio sexual (por exemplo: o exibicionismo repetido, o voyeurismo, fazer propostas de cariz sexual, e o abuso sexual envolvendo contacto físico indesejável)
- O ostracismo baseado na diferente orientação sexual percebida
- A humilhação (por exemplo: quando os atletas universitários mais graduados impõem rituais de iniciação dolorosos e embaraçosos aos atletas das suas equipas que são caloiros).⁵

Nem todos os insultos, provocações e lutas que ocorrem entre crianças nas escolas constituem bullying.⁶ “Duas pessoas de aproximadamente a mesma força (física ou psicológica) ... lutando ou brigando” não é bullying. Em vez disso, o bullying implica a repetição de actos cometidos por alguém que, notoriamente, é mais forte, tanto física como psicologicamente.

Problemas Relacionados

O bullying nas escolas partilha algumas similitudes com os problemas listados abaixo, cada um dos quais requer a sua própria análise e resposta. Este guia não trata, directamente, desses problemas:

- *O bullying aos professores pelos alunos*
- *O bullying entre reclusos dos centros de internamento juvenis*
- *O bullying como meio de ganhar e reter membros de bandos de jovens e para os obrigar a cometer crimes.*

Extensão do Problema do Bullying

Estudos aprofundados realizados noutros países, nas décadas de 80 e 90, de uma maneira geral concluíram que entre 8% e

§ Um estudo realizado na Carolina do Sul concluiu que 20% dos alunos molestavam outros com uma certa regularidade (Limber et al. 1998). Num outro estudo feito na Inglaterra que envolveu 25 escola e perto de 3.500 estudantes, 9% dos estudantes admitiu terem molestado outros através de toques de cariz sexual [Glover e Cartwright, com Gleeson (1998)].

§§ Nalguns dos estudos, a falta de definições comuns sobre o bullying potencialmente distorceu as estimativas do problema (Harachi, Catalano e Hawkins 1999). Ainda por cima, nos EUA, a falta de uma atenção generalizada e galvanizada sobre o bullying resultou em lacunas nos esforços de pesquisa de larga escala nas escolas como aqueles que foram desenvolvidos na Escandinávia, na Inglaterra, no Japão, e na Austrália). Por isso temos um conhecimento limitado do problema do bullying aqui.

elevados de bullying na América que noutros países. Dos 13% dos estudantes entre o 6.º e o 10.º ano de escolaridade que eram bullies, 10% queixaram-se de, às vezes, serem vítimas e que um adicional de 6% eram simultaneamente vítimas e bullies.⁸ Este estudo excluiu os estudantes do ensino básico

38% dos estudantes eram vítimas de bullying com uma certa regularidade, e que entre 5% e 9% dos estudantes cometiam actos de bullying contra outros com alguma regularidade. As vítimas crónicas de bullying, que eram vitimizadas uma vez por semana ou mais, geralmente constituíam entre 8% e 20% da população estudantil.⁷

Nos EUA, poucos estudos foram ainda realizados. Um estudo recentemente levado a cabo, tendo em conta uma amostra representativa nacional de estudantes, descobriu níveis muito mais

§ Pela primeira vez, durante o ano lectivo de 1997-98, os EUA participaram num estudo internacional sobre a saúde dos jovens, seus comportamentos e estilos de vida, o que incluiu sondagens sobre o bullying escolar. (Países europeus participaram no estudo desde 1982). Os estudiosos recolheram dados sobre 120.000 estudantes de 28 países. Mais de 20% dos estudantes dos EUA com 15 anos de idade relataram terem sido vítimas de bullying nas escolas durante aquele ano lectivo (ver o Annual Report on School Safety, em www.ed.gov/PDFDocs/InterimAR.pdf). Contudo, o Relatório do Crime Escolar do departamento de Educação dos EUA do ano 2000 (baseado nos dados de 1999), que usou definições muito restritas e talvez demasiado limitadas de bullying que o anterior relatório, demonstrou que 5% dos estudantes com idades entre os 12 e os 18 anos haviam relatado terem sido vítimas de bullying nas escolas nos últimos seis meses (Kaufman et al. 2000).

§§ O “Annual Report on School Safety,” foi implementado em resposta a um tiroteio escolar de 1997 ocorrido em West Paducah, Kentucky, mas até 1999 não continha quaisquer dados sobre o bullying escolar. Os dados sobre o bullying escolar de 1999 começaram a ser recolhidos e agregados, mas eram usados somente para fazer comparações com os dados internacionais, uma vez que os tipos específicos de bullying não eram categorizados. O relatório rastreia os furtos, armas, ferimentos, ameaças, e as rixas, e algumas formas de assédio e crimes de ódio. Contudo, a proporção de incidentes que têm as suas raízes no bullying não eram especificados.

§§§ As palavras “bully” e “bullying” são empregues neste guia como abreviaturas para a inclusão de todas as diferentes formas de comportamento do bullying.

§§§§ Da mesma forma, muitas das vítimas de ofensas sexuais e de violência doméstica mantêm os seus problemas em segredo e não dão conhecimento à polícia. A polícia em muitas jurisdições tem vindo a observar que um aumento das denúncias destes crimes é um importante primeiro passo para reduzir o potencial para futuros actos de violência, enquanto as vítimas vêm este acto, frequentemente, como podendo pôr em risco a sua segurança. Alguns interesses e preocupações do mesmo género são encontrados na área do bullying escolar.

(que habitualmente experienciam altos níveis de bullying) e não se limitou ao bullying ocorrido no interior dos recintos escolares. Alguns outros pequenos estudos, realizados em diferentes partes do país (EUA) vieram a confirmar a alta incidência de comportamentos de bullying, com 10% a 29% dos estudantes a relatarem serem tanto bullies como vítimas. 9, §§

Claramente, a percentagem de estudantes que são bullies e que são vítimas varia consoante a pesquisa realizada, frequentemente, dependendo das definições usadas, ou da altura em que foi examinada (por exemplo: nunca, frequentemente, uma vez por semana) § e por causa de outros factores. §§ Apesar destas diferenças, o bullying parece ser uma prática generalizada e disseminada nas escolas de todos os países que estudaram o problema. §§§

No Limiar do Problema: A Relutância em Denunciar

Muitos estudantes não denunciam o bullying aos adultos. Sondagens realizadas em inúmeros países vêm confirmar que muitas vítimas e testemunhas nunca chegam a contar o ocorrido aos professores e nem mesmo aos pais.¹⁰ Como resultado, os professores poderão subestimar a extensão do bullying nas suas escolas e só serão capazes de identificar uma pequena percentagem daqueles que são, realmente, bullies. Os estudos, também, sugerem que as crianças não acreditam que a maioria dos professores irá intervir quando lhes forem denunciados casos de bullying.¹¹

“Se as vítimas são tão miseravelmente indefesas como os estudos sugerem, então porque é que não pedem ajuda? Uma razão poderá ser a de que, historicamente, as respostas dos adultos costumam ser bastante desanimadoras.”¹² Numa sondagem realizada a alunos americanos do ensino médio e superior, ficou demonstrado que “66% das vítimas de bullying acreditam que os profissionais das escolas dão respostas muito fracas aos problemas causados pelo bullying por eles observados.”¹³ Algumas das razões dadas pelas vítimas para o facto de não denunciarem incluem:

- *Terem medo de retaliações*
- *Sentirem vergonha e não serem capazes de, por si mesmos, se insurgirem contra*
- *Temerem que não acreditem na sua versão*
- *Não quererem preocupar os seus pais*
- *Não terem confiança de que algo possa mudar como resultado da sua denúncia*
- *Pensarem que a intervenção dos professores e pais possa fazer piorar o problema*
- *Temerem que os seus professores possam vir a dizer ao bully quem o denunciou*
- *Pensarem que será pior se vier a ser conhecido como “bufo”. §§§§*

O mesmo é verdadeiro para os estudantes que são testemunhas. Muito embora a maioria dos estudantes concorde que o bullying é algo de errado, as testemunhas raramente contam aos professores e só esporadicamente intervêm a favor da vítima. Alguns estudantes têm uma séria preocupação de que ao intervirem isso possa aumentar a fúria do bully e que isso possa vir a transformá-lo (a) no próximo alvo. Também, poderá haver uma “difusão da responsabilidade”;

por outras palavras, os estudantes poderão acreditar, falsamente, que não têm a responsabilidade de fazer parar o bullying, excepto os professores ou os pais.

Os estudantes testemunhas parecem desempenhar um papel central na criação de oportunidades para o bullying. Num estudo do bullying, realizado em escolas do ensino médio e secundário de pequenas localidades do Midwest, 88% dos estudantes relataram terem presenciado bullying.¹⁴ Enquanto alguns estudiosos se referem a testemunhas que disseram terem presenciado o ocorrido “de passagem”, outras terão usado descrições mais refinadas do seu papel enquanto testemunhas. Em cada acto de bullying, existe a vítima, o bully instigador, os bullies assistentes (os que se lhe juntam), os apoiantes (os que constituem a assistência ou que riem e encorajam o bully), os que estão de fora (os que se mantêm afastados ou que não tomam partido), e os defensores (os que se intrometem, se insurgem ou confortam a vítima).¹⁵ Estudos sugerem que somente entre 10% e 20% dos estudantes que não se envolvem prestam algum tipo de ajuda real quando outro estudante é vitimizado.¹⁶

O Comportamento Bullying

Apesar das diferenças culturais dos diversos países, parecem existir algumas semelhanças no bullying que ocorre nos EUA e noutros países, relativamente ao género, à idade, aos locais e ao tipo de vitimização.

- O bullying ocorre no interior da escola, com mais frequência, que nos percursos casa/escola/casa.¹⁷

- Os rapazes bullies tendem a basear a sua acção mais na agressão física que as raparigas bullies que, com mais frequência, recorrem à troça, ao boato, à exclusão e ao isolamento social. Estas últimas formas de bullying são conhecidas por “bullying indirecto.” O bullying físico (uma forma de “bullying directo”) é a forma menos comum de bullying, e o bullying verbal (que pode ser “directo” ou “indirecto”) é a forma mais comum.¹⁸ Alguns estudiosos especulam de que as raparigas valorizam as relações sociais mais do que os rapazes, por isso as raparigas bullies tendem a perturbar as relações sociais com intrigas, isolamento social, desprezo e exclusão. As raparigas bullies tendem a molestar raparigas, enquanto os rapazes bullies tanto molestem rapazes como raparigas.

§ Os resultados de diversos países, incluindo a Austrália e a Inglaterra, indicam que à medida que os estudantes progredem do ensino médio para graus de ensino superiores, eles passam a ser mais insensíveis ao bullying. Os alunos mais velhos do ensino secundário são a excepção: Eles demonstram estarem bastante alarmados com o problema, mas só até ao ponto em que saem daquele ambiente escolar (O'Moore).

- Consistentemente, os estudos indicam que os rapazes têm maior tendência a serem bullies que as raparigas.

- Alguns estudos demonstram que os rapazes são mais frequentemente vitimizados, pelo menos durante a permanência no ensino básico; outros estudos demonstram que os bullies vitimizam raparigas e rapazes em proporções quase idênticas.¹⁹

- *Os bullies, frequentemente, não actuam sozinhos. No Reino Unido, dois diferentes estudos concluíram que quase metade dos incidentes de bullying ocorrem entre dois intervenientes, enquanto a outra metade costuma envolver mais jovens.*²⁰
- *O bullying não costuma terminar na escola primária. O ensino intermédio parece proporcionar amplas oportunidades para o bullying, muito embora com taxas mais reduzidas. O mesmo parece ser verdade nos primeiros anos do ensino superior.*
- *O bullying cometido por rapazes costuma decrescer substancialmente após os 15 anos de idade. O bullying cometido por raparigas começa a declinar significativamente após os 14 anos de idade.*²¹, § *Por isso, as intervenções durante os anos de frequência do ensino médio e superior continuam a ser importantes.*
- *Os estudos realizados na Europa, particularmente na Escandinávia, demonstram que em algumas escolas parecem existir taxas de bullying mais altas do que em outras. Os estudiosos, de uma maneira geral, acreditam que as taxas de bullying não têm uma relação directa com as escolas em si, ou com o tamanho das turmas, ou, mesmo, quer a escola se situe numa cidade ou nos subúrbios (muito embora um dos estudos tenha concluído que existem mais relatos de bullying em escolas situadas no interior das cidades). As escolas situadas em áreas socialmente desfavoráveis parecem ter taxas mais altas de bullying,²² e as turmas com estudantes que apresentam problemas comportamentais, emocionais, ou de aprendizagem têm mais bullies e vítimas que as turmas sem aquele tipo de estudantes.*²³
- *Existe uma forte crença de que o nível de envolvimento do director da escola (assunto que será discutido mais à frente neste guia) ajuda a determinar o nível de bullying existente.*
- *Existem algumas evidências que o bullying por motivos raciais ocorre nos EUA. Num estudo representativo nacional, que combinou dados acerca do bullying ocorrido dentro e fora da escola, 25% dos estudantes vitimizados pelo bullying queixaram-se de serem desprezados por causa da sua raça ou religião (8% desses estudantes queixaram-se de serem, frequentemente, vítimas de bullying por causa disso mesmo).*²⁴ *O estudo também concluiu que os jovens negros relataram serem menos vitimizados pelo bullying que os seus colegas hispânicos e brancos. O bullying racial é, igualmente, um problema no Canadá e na Inglaterra. “Em Toronto, uma em cada oito crianças no geral, e uma em cada três crianças das escolas situadas no interior da cidade, referiram que o bullying por motivos raciais costuma ocorrer nas suas escolas.”*²⁵ *Em quatro escolas – duas primárias e duas secundárias – de Liverpool e de Londres, os estudiosos concluíram que os estudantes das raças Bengali e negra eram, desproporcionalmente, vitimizados.*²⁶

Uma das coisas que ainda não sabemos acerca do bullying é, até que ponto, certos tipos de bullying, por exemplo o bullying racial ou o lançamento de boatos, são mais perniciosos que outros tipos. Claramente, muito depende da vulnerabilidade da vítima. Contudo, certos tipos de

bullying podem ter mais impacto, a longo prazo, sobre a vítima. Também, não é claro o que acontece quando o bully termina com o bullying. Será que outro estudante substitui o anterior bully? Deverá a vítima mudar o seu comportamento de forma a prevenir que outro estudante desempenhe o papel de bully? Enquanto que não são realizados estudos específicos sobre as medidas para desarticular o bullying, parece que quanto mais abrangente é a abordagem da escola ao lidar com o bullying, menores são as oportunidades de outro aluno bully vir a surgir.

Bullies

Muitos dos estudos europeus, nomeadamente escandinavos, concordam que os bullies tendem a ser agressivos, dominantes, ligeiramente menos inteligentes e com níveis de habilidade para a leitura abaixo da média (dos níveis de ensino médio), e muitas das evidências sugerem que os bullies não gozam de grande popularidade entre os seus pares.²⁷ A crença de que os bullies “são bastante inseguros” é, provavelmente, incorrecta.²⁸ Os bullies não parece terem grande empatia com as suas vítimas.²⁹ Os jovens bullies tendem a manterem-se bullies, se não existir uma intervenção adequada. “Os bullies adolescentes tendem a tornar-se adultos bullies e, conseqüentemente, têm tendência a ter filhos que são bullies.”³⁰ Num estudo, no qual os investigadores seguiram o percurso de vida de alguns bullies à medida que cresceram, estes descobriram que os jovens que eram bullies aos 14 anos tiveram tendência a ter filhos que eram bullies quando chegaram aos 32 anos, o que sugere uma ligação intergeracional.³¹ Também, descobriram que “os bullies têm algumas similitudes com outros tipos de ofensores. Os bullies têm tendência a serem provenientes, desproporcionalmente, de famílias de baixo estrato socioeconómico e com poucas competências parentais, cujas crianças têm pouca retaguarda familiar, com tendência a serem impulsivas e votadas ao insucesso escolar.”³²

Na Austrália, os estudiosos concluíram que os bullies demonstram baixos níveis de empatia, que são de uma maneira geral pouco cooperantes e, baseado nos relatos pessoais, são originários de famílias disfuncionais e pobres nos afectos. Que os seus progenitores os criticam com frequência e os controlam de forma restrita.³³ Estudiosos holandeses (e outros também) descobriram uma correlação entre os castigos corporais severos, tais como espancamentos por pais disciplinadores severos, e o bullying.³⁴ Nos estudos dos EUA, os investigadores concluíram existirem maiores taxas de bullying entre rapazes cujos progenitores usavam de castigos corporais ou de violência contra eles.³⁵

Alguns estudiosos sugerem que os bullies têm poucas competências sociais que compensam com o bullying. Outros sugerem que os bullies têm uma grande argúcia quanto ao estado de espírito dos colegas e tiram vantagem disso escolhendo aqueles que são emocionalmente menos resilientes.³⁶ Neste sentido, existem algumas evidências, correntemente exploradas em estudos realizados tanto nos EUA como noutros países, de que os causadores do bullying nos primeiros anos escolares são, inicialmente, populares e considerados líderes. Contudo, por altura do terceiro ano escolar, os seus comportamentos agressivos já são menos bem vistos pelos seus pares, e aqueles que começam a ser populares são aqueles que não têm comportamentos agressivos. Alguns estudiosos sugerem que “os bullies direccionam o seu comportamento agressivo a uma diversidade de alvos. À medida que interiorizam as reacções

dos seus pares, o seu leque de vítimas torna-se cada vez menor, e a sua escolha das vítimas começa a ser mais consistente."³⁷ Assim, por fim, os bullies focalizam a sua atenção nos seus colegas que passam a ser vítimas crónicas, devido à exclusão que fazem daqueles colegas que costumam responder à agressão. Isto indica que, identificar, o mais cedo possível, as vítimas crónicas pode ser importante para uma intervenção eficaz.

Um número significativo de estudiosos acredita que o bullying ocorre devido à combinação das suas interações sociais com os progenitores, os pares e os professores.³⁸ O historial do relacionamento entre o progenitor e a criança poderá contribuir para cultivar um bully, e os fracos níveis de intervenção dos pares e dos professores, em combinação, criam oportunidades para os bullies crónicos prosperarem (como veremos mais à frente).

Incidentes de Bullying

O bullying ocorre com mais frequência quando a supervisão dos adultos é pouca ou inexistente: no recreio, na cantina, nos sanitários, no hall de entrada, e nas escadarias.³⁹ "Olweus (1994) descobriu que existe uma relação inversa entre o número de adultos presentes a supervisionar e o número de incidentes bully/vítima."⁴⁰ A configuração dos locais menos supervisionados pode criar oportunidades para o bullying. Por exemplo, se o bullying ocorrer na cantina onde os alunos se alinham em fila para obter comida, a aplicação de técnicas de organização de filas, porventura extraídas das técnicas de prevenção criminal através da concepção ambiental, poderá limitar as oportunidades de bullying. Um número significativo de estudos concluiu que o bullying também ocorre nas salas de aulas e nos transportes escolares, muito embora com menos frequência que nas áreas recônditas e nos corredores. Após um maior controlo exercido, poderemos vir a concluir que em certas salas de aulas o bullying prospera, e que em outras ele é raro. O bullying nas salas de aula poderá ter mais a ver com as técnicas de gestão das aulas usadas pelos professores que pelo número de adultos a supervisionar na sala.

Outras áreas também podem oferecer oportunidades para o bullying. A Internet cria oportunidades para os cyber-bullies, os quais podem operar no anonimato e causar malefícios a uma grande audiência. Por exemplo, alguns estudantes do ensino médio, do secundário, e do ensino superior da área de San Fernando Valley em Los Angeles, colocaram mensagens num website que eram

"... cheias de insinuações sexuais dirigidas a estudantes individuais e que se focavam em tópicos como 'as pessoas mais aberrantes da tua escola.' Os comunicados online foram consultados mais de 67.000 vezes (num período de duas semanas), criando um sentimento de desespero entre as dezenas de adolescentes expostos no site, e frustração entre os progenitores e os administradores escolares. ..." Uma estudante em desespero, cuja morada e número de telefone havia sido publicado naquele site, foi inundada com chamadas de pessoas que a insultavam chamando-lhe puta e acusando-a de ser prostituta.⁴¹

Numa entrevista feita a um psicólogo pelo Los Angeles Times este sublinhou os males causados por este bullying da internet:

“Não é só a uns poucos miúdos nas escolas; é ao mundo inteiro. ... qualquer um pode ir à internet e ver o que dizem a seu respeito. ... o que é escrito fica gravado, e isso persegue e tortura esses miúdos.”⁴²

O desequilíbrio de poder que existe não tem a ver com o tamanho ou a força do bully, mas no instrumento que o bully escolhe usar, levando ao conhecimento de todo o mundo os boatos escolares mais maliciosos.

Vítimas de Bullying

- *Muitos dos bullies vitimizam os colegas da mesma turma ou do mesmo ano de escolaridade, muito embora 30% das vítimas refiram que o bully era mais velho, e aproximadamente 10% refiram que o bully era mais novo.⁴³*

- *É desconhecido até que ponto as dificuldades físicas, mentais e de linguagem, bem como o uso de óculos, da cor da pele, da língua falada, da estatura, do peso, da higiene, e da indumentária, desempenham um papel na selecção da vítima.⁴⁴*

§ Estes números são baseados nos estudos realizados em Dublin, Toronto e Sheffield, Inglaterra (Farrington 1993). Olweus, contudo, nos seus estudos realizados na Noruega, encontrou um número percentual menor de vítimas crónicas.

Um dos maiores estudos realizados concluiu que “a única característica externa... que pode ser associada à vitimização, é a de que as vítimas tendem a ser mais pequenas e mais fracas que os seus pares.”⁴⁵ Um estudo concluiu que os jovens pouco assertivos, que apresentavam algumas dificuldades de socialização, tinham uma acrescida probabilidade de serem vitimizados.⁴⁶ Ter amigos, especialmente aqueles que poderão ajudar a proteger contra o bullying, parece reduzir as hipóteses de vitimização.⁴⁷ Um estudo holandês concluiu que “mais de metade daqueles que dizem não ter amigos costumam ser vitimizados pelo bullying (51%), contra somente 11% daqueles que dizem terem mais de cinco amigos.”⁴⁸

§§ Uma mão cheia de vítimas crónicas salta para pensamentos suicidas e homicidas. Claramente, se tiverem acesso a armas torna-se um problema ainda mais sério.

Consequências do Bullying

As vítimas do bullying sofrem consequências que vão muito além da simples vergonha ou humilhação. Algumas vítimas experienciam sofrimento psicológico e/ou físico, o que lhes causa absentismo escolar e dificuldades de concentração nos trabalhos escolares. Os estudos, de uma maneira geral, demonstram que as vítimas têm baixa auto-estima, e que a sua vitimização pode levá-las à depressão⁴⁹ a qual pode durar anos após a vitimização.⁵⁰ Na Austrália, os

estudiosos concluíram que entre 5% e 10% dos estudantes ficavam em casa para evitarem ser vitimizados. Os rapazes e as raparigas que eram vítimas de bullying, pelo menos uma vez por semana, tinham problemas de saúde, com mais frequência pensavam no suicídio, e sofriam de depressão, de disfunções sociais, ansiedade, e insónia.⁵¹ Outro estudo concluiu que as vítimas adolescentes, uma vez chegadas à idade adulta, eram mais propensas a terem filhos vitimizados que os indivíduos adultos que nunca foram vítimas de bullying.⁵²

Vítimas Crónicas do Bullying

Enquanto muitos, se não a maioria, dos estudantes foram vítimas de bullying algumas vezes durante o seu percurso escolar, ⁵³ as vítimas crónicas sofrem toda a sorte de males. Parece que um pequeno grupo, entre 6% a 10%, das crianças em idade escolar são vítimas crónicas,⁵⁴ algumas delas vitimizadas várias vezes por semana. ⁵ Existem mais vítimas crónicas nas escolas primárias que no ensino médio, e o leque de vítimas vai encolhendo à medida que os estudantes entram no ensino secundário. Se um estudante é uma vítima crónica aos 15 anos (idade do ensino secundário), não será surpreendente descobrir-se que ele ou ela tem vindo a ser vitimizada ao longo de muitos anos. Devido aos danos envolvidos, as intervenções contra o bullying devem incluir uma componente concebida a combater os abusos crónicos que as vítimas sofrem.

Vários estudiosos sugerem, apesar de não existir consenso, que as vítimas crónicas são “irritantes” ou “provocadoras” por causa das suas estratégias de afrontamento, que incluem reagir agressivamente ao bullying.⁵⁵ A maioria das vítimas crónicas, contudo, são extremamente passivas e não se defendem. As vítimas provocativas poderão ser, em particular, difíceis de serem ajudadas porque os seus comportamentos devem mudar de forma a diminuir, substancialmente, os abusos que sofrem.

Tanto as vítimas provocativas como as passivas tendem a ser ansiosas e inseguras, “o que poderá ser um sinal para os colegas de que são alvos fáceis.”⁵⁶ Elas, também, são menos capazes de controlar as suas emoções, e mais socialmente afastadas pelos restantes. Tragicamente, as vítimas crónicas podem continuar a conviver com os seus bullies numa tentativa de continuarem a vivenciar as relações percebidas, o que pode iniciar um novo ciclo de vitimização. As vítimas crónicas, com frequência, continuam a ser vítimas, mesmo, após mudarem para novas turmas com diferentes alunos, o que sugere que, sem qualquer outro tipo de intervenção, nada mudará.⁵⁷

§ O problema do bullying requer a realização de sondagens extensivas sobre aqueles que são afectados. É recomendável que a polícia se alie às escolas locais, às universidades, ou a estudiosos, para preparar e testar instrumentos de sondagem. Questionários internacionalmente válidos, adaptados do questionário Olweus, estão disponíveis para inquirir os estudantes, as turmas, os professores e outro pessoal envolvido em gerir os problemas do bullying.

Estes têm sido usados como parte de projectos comparativos realizados no Japão, na Noruega, Inglaterra, na Holanda, e no Estado de Washington, mas requer permissão para o uso de Dan Olweus (do Research Center for Health Promotion, Christies Gate 13, N-5015, Bergen, Norway). O valor de usar este questionário consiste na possibilidade de se fazerem comparações entre uma grande variedade de outros locais. Se usarmos inquéritos escritos, anónimos, aos estudantes, é importante desenvolvermos outras formas de recolher informação dos estudantes sobre as identidades específicas das vítimas crónicas e dos bullies crónicos. Uma vez reunida, devemos comparar esta informação com aquela existente na escola e juntar as observações dos professores para ver se existe alguma concordância. Para mais informações sobre sondagens ao bullying, consultar também a “European Commission’s TMR Network Project” sobre o bullying, que envolveu uma colaboração entre cinco países europeus, em www.gold.ac.uk/tmr.

Ao descrever as vítimas crónicas, Olweus escreveu: "Não é necessária muita imaginação para se compreender o que será passar todos os anos de escolaridade num estado de ansiedade, de insegurança e de fraca auto-estima, mais ou menos, permanente. Não é surpreendente que auto-desvalorização e os complexos de inferioridade das vítimas, por vezes, sejam tão intensas que elas vejam o suicídio como a única possível solução." 58, §§

"Nos EUA, os tribunais parecem estar abertos para, pelo menos, ouvirem os argumentos das vítimas crónicas do bullying, as quais alegam que as escolas têm o dever de terminar com a vitimização persistente.⁵⁹ Ainda está para ser decidido, até que ponto as escolas têm a obrigação de assegurarem que os estudantes não sejam maltratados pelos seus pares. Contudo, prestar uma atenção sincera, o mais precocemente possível, ao problema do bullying é a melhor defesa da escola."

Teri DeBruhl

O bullying escolar assume muitas formas, incluindo agredir, rasteirar, intimidar, espalhar boatos e isolar, exigir dinheiro, destruir objectos, furtar objectos de valor, destruir trabalhos escolares, insultar e chamar nomes.



Nesta foto, um bully agride a vítima enquanto outro aluno observa. Os estudos sugerem que somente entre 10% a 20% dos alunos não violentos prestam qualquer tipo de ajuda real quando outro aluno é vitimizado.

Compreender o nosso Problema Local

A informação fornecida acima é só uma descrição generalizada do bullying nas escolas. Devemos combinar esta informação generalizada com o conhecimento mais específico da realidade do problema nas nossas escolas. Analisar cuidadosamente o problema das nossas escolas ajudar-nos-á a conceber uma resposta estratégica mais eficaz. Os agentes policiais que trabalham directamente com as escolas poderão, mesmo, chegar à conclusão de que muitos dos furtos, agressões e briga, crimes de ódio, e ameaças que ocorrem nas zonas escolares (em todos os níveis de ensino) são sintomas de bullying e que são cometidos por uma pequena percentagem de torturadores crónicos.

Fazer as Perguntas Certas §

Seguidamente, iremos apresentar algumas questões críticas que deveremos fazer a nós próprios ao analisar o nosso particular problema do bullying escolar, mesmo que as respostas não sejam imediatamente evidentes. As respostas para estas e outras questões ajudar-nos-ão a guiar a escola na escolha do mais apropriado conjunto de respostas a serem aplicadas posteriormente.

A Escola

- *Será que a escola acredita ter um problema com o bullying?*
- *A escola estará ciente dos malefícios a longo prazo associados ao bullying e à vitimização crónica?*
- *A escola estará ciente dos diferentes tipos de comportamento que constituem o bullying?*
- *Será que a escola sabe com que frequência o bullying ocorre em cada ano nos seus recintos?*
- *Como é que a escola tem comparado os seus níveis de bullying, comparando com os níveis de outras escolas que tenham examinado o bullying?*
- *Será que a escola tem uma política que guie os professores e o restante pessoal escolar a lidarem com incidentes de bullying?*
- *Como é que a escola identifica os bullies? São mantidos registos? São eles os mais adequados? Os conselheiros escolares estão envolvidos?*
- *Como é que os professores encaram o bullying? Será que eles são capazes de identificar as vítimas crónicas e os bullies?*
- *Como é que outros (por exemplo, os pais, a polícia) são envolvidos, e até que ponto?*
- *Dado que muito do bullying ocorre em áreas onde não estão professores e funcionários, será que o método que usam o mais adequado para identificar os bullies?*

Ofensores

- *Onde é que os bullies costumam actuar na escola?*
- *Quais são as consequências para o bullying na escola? Estas consequências têm sido aplicadas consistentemente?*
- *Terá o bullying terminado? Como é que o confirmam?*

Vítimas e Vitimização

- *Será que a escola conhece todas as vítimas do bullying?*
- *Como é que a escola identifica as vítimas? Dado que muitas das vítimas e testemunhas não denunciam o ocorrido, será que o sistema em uso para identificar as vítimas é o mais adequado? Quem são as vítimas crónicas? O que é que a escola tem feito para as proteger?*
- *Quais são as formas mais comuns de vitimização pelo bullying? Será que é política da escola abordá-las?*
- *A escola tem algumas directrizes no que toca ao tratamento das denúncias de bullying e ao papel de quem assiste a estas práticas sem intervir?*

Locais Onde o Bullying Ocorre

- *Onde é que o bullying costuma ocorrer com mais frequência? Os dados recolhidos contemplam isto?*
- *Quando é que o bullying ocorre nestes locais?*
- *Os adultos que supervisionam esses locais, durante aqueles períodos, têm formação para identificar e para lidar adequadamente com os incidentes de bullying?*
- *A escola efectuou alterações aos locais para minimizar as oportunidades de bullying?*

Avaliar a Nossa Eficácia

Devemos encorajar a escola a avaliar o seu problema de bullying, antes de serem implementadas respostas, para determinar a seriedade do problema, e após a implementação das respostas, para determinar até que ponto elas foram eficazes. A avaliação permite, ao efectivo escolar, determinar até que ponto os esforços desenvolvidos foram bem sucedidos, e sugerir a forma de modificarem as suas respostas se estas não tiverem produzido os resultados pretendidos. Para orientação mais detalhada sobre a avaliação da eficácia, consultar o guia desta série "Assessing Responses to Problems: An Introductory Guide for Police Problem-Solvers". Os seguintes indicadores, potencialmente úteis para a eficácia das respostas ao bullying, devem ser recolhidas usando sondagens feitas antes-e-depois:

- *Percentagem de vítimas, por tipo de bullying*

- *Número de vítimas repetidas*
- *Número de bullies crônicos*
- *Frequência da vitimização (por exemplo, diária, semanal, mensal)*
- *Percentagem de incidentes de bullying denunciados pelos progenitores ou pelas autoridades*
- *Número de estudantes que são conhecedores de casos de bullying e a forma como costumam responder*
- *Percentagem de estudantes que testemunharam bullying e que o denunciaram aos professores ou aos encarregados de educação*
- *Vontade dos estudantes em intervir para ajudar alguém que esteja a ser vítima de bullying*
- *Relatório das comparências às aulas, dos atrasos, do comportamento, e disciplinar das vítimas crónicas e dos bullies*
- *Taxas de bullying dos locais mais específicos onde ocorre com mais incidência (por exemplo, nos balneários, na cantina, no recreio).*

Respostas ao Problema do Bullying nas Escolas

A análise do nosso problema local deve-nos fornecer um melhor entendimento de, entre outras coisas, a extensão do problema, incluindo o nível de bullying existente, a identificar os locais críticos onde ocorre, as vítimas crónicas, e os ofensores crónicos. Listadas abaixo, seguem-se as abordagens mais usadas para lidar com o bullying, juntamente com informações acerca da respectiva eficácia.

Requisitos Gerais para uma Estratégia Eficaz Contra o Bullying nas Escolas

- 1. Recrutar o(a) director(a) da escola para se comprometer e envolver.** *O compromisso e o envolvimento do(a) director(a) da escola é a chave para resolução do bullying escolar. De facto, comparando escolas com taxas altas e baixas de bullying, alguns estudos sugerem que o grau de investimento do(a) director(a) na prevenção e no controlo do bullying contribui para baixar as taxas.⁶⁰ Os conhecimentos e o interesse dos agentes policiais no problema poderão servir para convencer o(a) director(a) a investir tempo e energia para atacar o problema de uma forma colaborativa e compreensiva.*
- 2. Usar uma abordagem multifacetada e compreensiva.** *Uma abordagem multifacetada e compreensiva é mais eficaz que aquela que se foca em um ou dois aspectos do bullying escolar. Uma abordagem multifacetada e compreensiva deve incluir:*
 - Instituir uma política abrangente, para a escola combater o bullying indirecto (por exemplo, o lançamento de boatos, o isolamento e a exclusão social), os quais são mais disfarçados, assim como para combater o bullying directo (Por exemplo, a agressão física)*
 - Fornecer linhas mestras para os professores, para o restante pessoal escolar e para os alunos (incluindo as testemunhas) sobre as acções específicas a tomar aquando das ocorrências de bullying*
 - Educar e envolver os pais para que possam compreender o problema, reconhecer os sinais e intervir adequadamente*
 - Adoptar estratégias específicas para lidar com os bullies individuais e com as vítimas, incluindo reunir com os seus progenitores*
 - Encorajar os alunos a denunciarem o que sabem sobre o bullying*
 - Desenvolver um sistema simplificado de denúncia que sirva para acompanhar os casos de bullying e as intervenções usadas com os bullies e as vítimas específicas*
 - Encorajar os alunos a apoiarem mais os colegas que estejam a ser vítimas de bullying*
 - Usar estratégias concebidas para contrariar o bullying nos locais mais propensos, fazendo uma reorganização ambiental, aumentando a supervisão, (por exemplo, pelos professores, por outros membros do pessoal da escola, pelos pais, por voluntários) ou através da monitorização por equipamentos electrónicos*
 - Realizar estudos pós-intervenção para confirmar o impacto que as estratégias contra o bullying tiveram na escola.*

Respostas Específicas para Reduzir o Bullying nas Escolas

3. **Usar uma “abordagem integral à escola”.**⁵ Olweus desenvolveu e testou na Escandinávia a abordagem conhecida por “whole-school approach”. Esta contém os elementos requeridos nos pontos 1 e 2 acima (o envolvimento do(a) director(a) e uma abordagem multifacetada e compreensiva do problema) e que foi submetida a repetidas avaliações noutros países, incluindo nos EUA, com uma gama de resultados positivos, incluindo uma redução de 50% no bullying em 42 escolas de uma área da Noruega. Contudo, muitas outras aplicações desta abordagem conseguiram melhorias na ordem dos 20% A 30%, o que é significativo.⁶¹ Nalguns estudos, os resultados foram conseguidos principalmente no segundo ano. Esta abordagem consegue reduzir o nível do bullying e de outros comportamentos anti-sociais, como o vandalismo, as brigas, o furto e o absentismo escolar, e melhora o “clima social”, a ordem e a disciplina nas turmas.

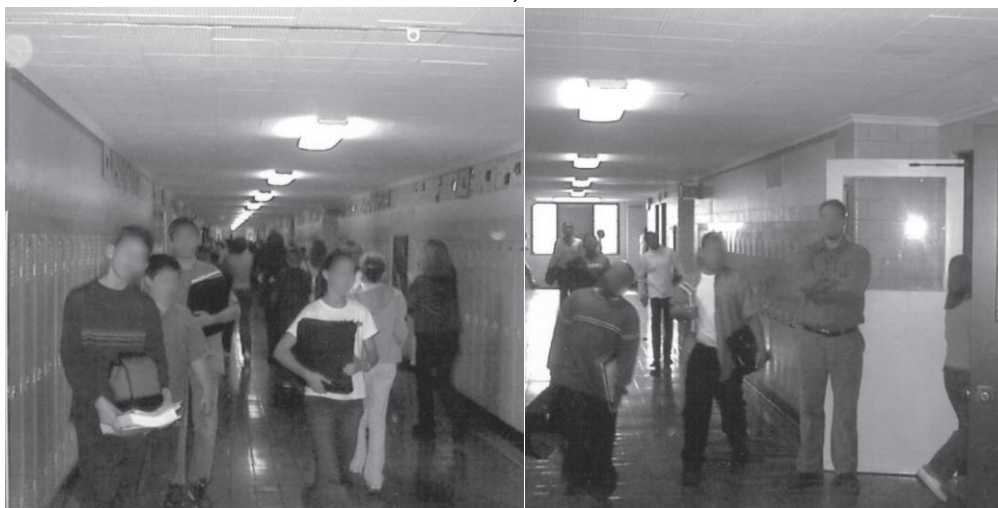
A “abordagem integral à escola” é, de alguma forma, mais fácil de implementar nas escolas primárias, devido às suas estruturas e tamanho. Os alunos destas escolas, geralmente, interagem somente com um ou dois professores por ano, garantindo melhores níveis de transmissão de mensagens consistentes entre professores/alunos.⁶² Contudo, também, podem ser alcançados ganhos significativos no ensino preparatório e secundário.⁶³ O estudo diz-nos que a “abordagem integral à escola” requer renovados esforços a cada novo ano lectivo (reforçando as estratégias anti-bullying com o regresso dos alunos à escola, com os seus pais e com o pessoal escolar), o que pode ser incompatível com as preocupações da escola, ou mesmo do departamento de polícia, devido à emergência de temas quentes mais recentes. Com certeza que fazer esforços isolados será muito menos eficaz. Por isso, as escolas devem estar preparadas para manter a dinâmica das iniciativas anti-bullying ano após ano.

4. **Aumentar as denúncias de bullying feitas pelos alunos.** Para resolver o problema da renitência dos alunos em denunciarem o bullying, algumas escolas estabeleceram uma linha telefónica directa para o efeito (bully hot line). Uma destas linhas telefónicas da Inglaterra recebeu milhares de chamadas telefónicas pouco tempo após ter sido criada. Algumas escolas usam uma “bully box” (caixa de reclamações para o bullying); os alunos depositam as suas informações na caixa para alertar os professores e a administração da escola acerca dos problemas causados pelos bullies. Outras diferentes abordagens podem, e devem, ser usadas para aumentar o número das denúncias. Numa pequena localidade do Kentucky, um agente da polícia, interessado em aumentar o número das denúncias, escreveu um artigo dirigido aos alunos intitulado “Hero vs. Snitch,” (Herói vs. Bufo) no qual alega que o comportamento denunciador é uma atitude positiva e de herói, e não se trata de coscuvilhice ou bufaria.
5. **Desenvolver actividades nas áreas menos supervisionadas.** Nestas áreas (por exemplo, nos recreios, no refeitório), a existência de supervisores treinados podem referenciar, melhor, o bullying e iniciar actividades que limitem as oportunidades de tal

ocorrer. Essas actividades devem ser do agrado dos bullies e podem inflectir o seu comportamento.

6. **Reduzir a quantidade de tempo, com pouca supervisão, passado pelos alunos.** Uma vez que o bullying ocorre nos períodos de tempo menos supervisionados (por exemplo, quando um professor falta, nas pausas para almoço, nos intervalos das aulas), reduzir a quantidade de tempo disponível dos alunos reduzirá a quantidade de bullying.
7. **Desfazar as pausas para almoço e/ou entre os períodos de aulas.** Esta abordagem minimiza o número de bullies e de vítimas presentes na mesma altura e local, assim os supervisores terão menos dificuldade em sinalizar o bullying. Contudo, os supervisores devem estar plenamente cientes que a maioria dos bullies, frequentemente, pertence à mesma turma das suas vítimas.

Sean Lynch



A foto da esquerda ilustra o corredor de uma escola no intervalo das aulas. A foto da direita mostra duas das estratégias que a escola adoptou para reduzir os comportamentos de bullying nos corredores: o desfazamento dos intervalos entre as aulas (evidenciado pelos poucos alunos presentes no corredor) e o professor a monitorizar o comportamento no corredor nas saídas para o intervalo.

8. **Monitorizar as áreas onde o bullying é expectável** (por exemplo, nos balneários). Os monitores adultos podem aumentar o risco dos bullies serem apanhados, mas isto pode obrigar a um aumento do pessoal ou de voluntários treinados.
9. **Confinar os bullies num local em particular ou encarregá-los de efectuarem determinadas tarefas** durante os intervalos de aulas. Esta abordagem separa os bullies das suas potenciais vítimas. Alguns professores dão aos bullies tarefas construtivas para os ocupar nos intervalos de aulas. É necessário monitorizar cuidadosamente as vítimas para garantir que os bullies não implicam com estas noutras alturas.
10. **Colocar avisos nas salas de aulas a proibir o bullying e a informar os alunos das suas consequências.** Isto avisa os potenciais bullies para a forma correcta de agir e sublinha os riscos que correm ao transgredir. Os professores devem aplicar as regras

consistentemente para que as mesmas tenham significado. As escolas devem colocar avisos em todas as salas de aula e devem aplicar castigos adequados a cada idade.

11. **Fornecer formação adequada aos professores sobre as técnicas de gestão das aulas.** Para resolver o bullying, as escolas devem garantir que todos os seus professores têm formação sobre gestão eficaz das aulas. Uma vez que os estudos sugerem que as turmas que têm alunos com problemas comportamentais, emocionais ou de aprendizagem têm mais bullies e vítimas, por isso, os professores dessas turmas talvez necessitem de formação adicional para sinalizarem e lidarem com o bullying.
12. **A administração da escola deve informar os alunos, que se matriculam tardiamente, acerca das normas da escola sobre o bullying.** Isto remove qualquer tipo de desculpa que o novo aluno possa ter quanto ao bullying, e sublinha a importância que a escola dá ao combate ao bullying.

Respostas com Eficácia Limitada

13. **Treinar os alunos em resolução de conflitos e em mediação inter-pares.** Algumas escolas adoptaram o treino em resolução de conflitos e em mediação inter-pares como forma de resolver o bullying (e outros problemas). “Porque o bullying envolve o assédio

§ Em termos de mediação inter-pares, um estudo Flamengo concluiu que os alunos das escolas primárias e muitos do ensino preparatório não sentiam confiança em conseguirem intervir com sucesso (Stevens, Van Oost, e De Bourdeaudhuij 2000). Noutra estudo, os investigadores concluíram que só um pequeno número de alunos tinha vontade em frequentar formação para apoiar os seus pares, e que era difícil conseguirem rapazes e professores do sexo masculino que se envolvessem (Naylor e Cowie 1999). Num estudo realizado na Austrália, contudo, Peterson e Rigby (1999) descobriram um número tremendo de intervenções inter-pares, como parte da “abordagem integral à escola”. O resultado foi um modesto declínio do bullying denunciado pelos alunos do primeiro ano do ensino secundário, mas não nos outros anos. Os autores chegaram à conclusão desta significância por causa do ano de transição para o ensino secundário ser mais intenso para o bullying.

de crianças mais fracas por crianças mais fortes (o que é muito mais que um conflito entre pares ou com estatuto relativamente igual), as estratégias de resolução de conflitos ou a mediação poderão não serem eficazes.”⁶⁴ De facto, elas até podem, na realidade, vir a vitimizar mais as crianças.⁶⁵ O treino oferece pouco aos alunos que mais necessitam dele, e demasiado àqueles que já dispõem daquelas competências. A “abordagem integral à escola”, em contraste, não parte do princípio que os alunos só por si conseguem resolver o problema do bullying; São necessárias intervenções a todos os níveis: na escola, nas turmas, individuais, com os professores, com os encarregados de educação e os com os pares. §

14. **Adoptar uma política de “tolerância zero”.** Algumas escolas, na sua pressa em “fazer alguma coisa” acerca do bullying, adoptam uma política de “tolerância zero” contra isso, sem uma análise aprofundada dos seus problemas específicos, ou sem o envolvimento esclarecido da administração, dos professores, dos funcionários, dos alunos testemunhas, dos encarregados de educação, dos bullies e das vítimas, aos níveis da escola, da turma e do indivíduo. Esta abordagem pode resultar num grande número de suspensões sem uma total

compreensão da forma como os comportamentos necessitam, e podem, ser mudados. Isto não resolve o problema do bully que, tipicamente, aproveita para ter mais tempo disponível, sem supervisão, em casa ou na comunidade, se for suspenso ou expulso da escola. A tolerância zero, por último, poderá, também, resultar num efeito paralisador quanto às denúncias do bullying.

15. Fornecer terapia de grupo aos bullies. *Algumas escolas fornecem apoio psicológico e formação sobre auto-estima aos bullies. Isto pode ser uma falsa questão: os estudos sugerem que a maioria dos bullies não têm falta de auto-estima.⁶⁶*

16. Encorajar as vítimas a se insurgirem contra os bullies e a se defenderem. *Sem um apoio adequado, ou sem o envolvimento de adultos, esta estratégia poderá ser perniciosa e fisicamente perigosa para a vítima do bullying.*

Anexo A: Sumário das Respostas ao Bullying nas Escolas

A tabela abaixo sumariza as respostas ao bullying nas escolas, o mecanismo pelo qual se pretende que funcionem, as condições sob as quais elas devem funcionar melhor, e alguns factores que devemos ter em consideração antes de implementarmos uma determinada resposta. É de importância crítica que as respostas devam ser concebidas à medida das circunstâncias locais, e que possamos justificar cada resposta baseados em análises confiáveis. Na maioria dos casos, uma estratégia eficaz deverá consistir na implementação de várias diferentes respostas. As respostas baseadas na aplicação da lei, por si só, raramente são eficazes para a redução ou resolução do problema.

Resposta N.º	Página N.º	Resposta	Como funciona	Funciona melhor se...	Considerações
Requisitos Gerais para uma Estratégia Eficaz Contra o Bullying nas Escolas					
1	23	<i>Recrutar o(a) director(a) da escola para se comprometer e envolver</i>	<i>Os agentes policiais convencem o(a) director(a) da importância de se lutar contra a bullying</i>	<i>...os agentes policiais estiverem cientes das melhores práticas</i>	<i>Os agentes policiais poderão ter necessidade de envolver outros, como os encarregados de educação, para os ajudarem a influenciar o(a) director(a); infelizmente, nalguns casos, só uma crise galvanizará a atenção do(a) director(a)</i>
2	23	<i>Usar uma abordagem multifacetada e compreensiva</i>	<i>Uma vez concluída a sondagem de base, a escola adopta uma série de estratégias abrangentes viradas para a resolução das conclusões específicas da sondagem</i>	<i>...o(a) director(a), pela alta importância do assunto, atribuir a organização do projecto (a alguém, ou a uma equipa) para garantir a completa implementação e progressão das estratégias</i>	<i>Por vezes, torna-se difícil destacar a eficácia das intervenções individuais</i>

<i>Resposta N.º</i>	<i>Página N.º</i>	<i>Resposta</i>	<i>Como funciona</i>	<i>Funciona melhor se...</i>	<i>Considerações</i>
Respostas Específicas para Reduzir o Bullying nas Escolas					
3	24	<i>Usar uma “abordagem integral à escola”</i>	<i>Atenua as particularidades do problema; As intervenções são implementadas aos níveis da escola, das turmas e dos indivíduos</i>	<i>...os administradores escolares estiverem totalmente comprometidos com a resolução do problema, e são conhecedores das componentes da abordagem §</i>	<i>Disponibilizar e usar os recursos locais, tais como investigadores das universidades, para nos assistir no desenvolvimento de sondagens e testes ou, em alternativa, para usar o inquérito de Olweus; poderá ser necessária autorização dos encarregados de educação para inquirir os alunos; comprometer a comunidade e a escola Para descobrir todos os detalhes do problema</i>
4	24	<i>Aumentar as denúncias de bullying feitas pelos alunos</i>	<i>Aumenta os riscos dos bullies serem apanhados</i>	<i>...os alunos forem convencidos de que denunciar é um comportamento correcto</i>	<i>Algumas escolas implementaram uma linha directa, enquanto outras instalaram uma caixa de reclamações “bully Box” onde os alunos podem deixar as suas informações e notas alertando o pessoal escolar para o bullying; as denúncias não anónimas devem ser encorajadas para diminuir o medo de represálias pelos alunos</i>
5	24	<i>Desenvolver actividades nas áreas menos supervisionadas</i>	<i>Aumentando os esforços dos bullies, através da diminuição das suas oportunidades para cometer bullying</i>	<i>...as actividades interessam aos bullies e são concebidas para limitar a sua capacidade de vitimizar outros</i>	<i>É necessário pessoal ou voluntários (estudantes, encarregados de educação, idosos) e programas adequados a cada idade</i>

Resposta N.º	Página N.º	Resposta	Como funciona	Funciona melhor se...	Considerações
6	25	<i>Reduzir a quantidade de tempo, com pouca supervisão, passado pelos alunos</i>	<i>Aumenta os riscos do bullying vir a ser exposto e reduz a quantidade de tempo disponível para isso poder ocorrer</i>	<i>...os supervisores forem treinados a sinalizar e a responder ao bullying</i>	<i>É necessário modificar os horários</i>
7	25	<i>Desfazer as pausas para almoço, e/ou períodos entre as aulas</i>	<i>Garante que menos bullies e vítimas estão juntas ao mesmo tempo, aumentando a capacidade dos supervisores em sinalizar o bullying</i>	<i>...bullies e vítimas não estão na mesma turma e, se estão, os supervisores estão bem treinados para sinalizar e responder ao bullying</i>	<i>Se alguns bullies estão na mesma turma que as vítimas, outros remédios são necessários</i>
8	25	<i>Monitorizar as áreas onde é expectável que o bullying possa ocorrer (por exemplo, nos balneários)</i>	<i>Aumenta os riscos dos bullies virem a ser apanhados</i>	<i>...tal for feito com a frequência suficiente para tornar os riscos reais</i>	<i>Poderá necessitar de mais pessoal ou voluntários treinados</i>
9	25	<i>Confinar os bullies num local em particular ou encarregá-los de desempenharem determinadas tarefas nos períodos de intervalo</i>	<i>Aumenta os esforços que os bullies terão que fazer para molestar as suas vítimas porque isto separa os bullies das vítimas</i>	<i>...é for dada uma atenção especial a cada uma das abordagens para escolher a mais adequada a cada bully em particular</i>	<i>Isolar os bullies poderá enfurecê-los ainda mais e vir a causar mais problemas às suas vítimas</i>
10	25	<i>Colocar avisos nas salas de aulas proibindo o bullying e informando das suas consequências</i>	<i>Remove as desculpas da ignorância e sublinha os riscos</i>	<i>...forem colocados avisos em todas as salas de aulas</i>	<i>Os avisos as informações sobre as consequências devem ser adequados a cada idade</i>

Resposta N.º	Página N.º	Resposta	Como funciona	Funciona melhor se...	Considerações
11	26	Fornecer formação adequada aos professores sobre as técnicas de gestão das aulas	Aumenta os riscos dos bullies serem apanhados na sala de aulas, e diminui os riscos das vítimas serem molestadas	...os professores estiverem empenhados em terminar com o bullying na sala de aulas, e se aos professores daquelas turmas de alto risco for ministrado treino adicional especializado	Deve ser levada a efeito, com todo o cuidado, a identificação daqueles professores que necessitam de assistência extra pois, importa referir, que a maioria dos professores dos EUA não recebe formação sobre técnicas de gestão das aulas, por isso não é surpreendente que alguns não tenham competências nesta área
12	26	Os administradores escolares de topo informam os alunos que se matriculam tardiamente acerca das normas escolares sobre o bullying	Diminui os riscos, dos alunos que se matriculam tardiamente, de cometerem bullying ou de virem a ser molestados	...for feito na altura da matrícula e por alguém percebido como tendo grande autoridade na escola	As escolas deverão considerar a hipótese dos alunos, que se matriculam tarde, de assinarem um contrato escrito, do tipo (bully-free agreement), por meio do qual toma conhecimento das regras e das consequências das violações
Respostas com Eficácia Limitada					
13	26	Treinar os alunos em resolução de conflitos e em mediação interpares	Permite, aos alunos, desempenharem um papel-chave na resolução dos problemas do bullying	...os conflitos forem entre alunos com status relativamente idêntico, e não entre bullies e vítimas mais fracas	Poderá ser mais apropriados para outros tipos de problemas que não de bullying (por exemplo, conflitos entre pares de igual poder e status)
14	26	Adoptar uma política de “tolerância zero”	Garante que os bullies que forem apanhados serão castigados logo à primeira ofensa	...for usada como último recurso, após o falhanço de outras medidas	O Bullying está demasiado espalhado, persistente e complexo, para parar simplesmente devido a esta política
15	27	Fornecer terapia de grupo aos bullies	A intenção é a de estimular a auto-estima dos bullies	...o comportamento dos bullies sugere que têm fraca auto-estima e que isso será a causa do seu bullying	A maioria dos bullies não têm falta de auto-estima
16	27	Encorajar as vítimas a simplesmente se insurgirem contra os bullies	Directamente coloca a vítima contra o bully	...for acompanhada de apoio adequado ou pelo envolvimento de adulto (s)	Poderá ser prejudicial ou fisicamente perigoso

§ Para exemplos de políticas para as escolas, turmas, alunos e encarregados de educação, ver Glover e Cartwright, juntamente com Gleeson (1998).

Anexo B: Exemplo de Brochura Informando os Encarregados de Educação acerca do Bullying na Escola §

A Escola _____ está a colaborar com o Departamento de Polícia de _____ na implementação do Programa de Prevenção do Bullying para combater o bullying entre as crianças que frequentam os ____ aos ____ anos da escolaridade.

O que é o Bullying?

O Bullying ocorre quando uma criança, ou grupo de crianças, repetidamente, molesta outra criança através de acções ou palavras. O Bullying pode envolver a agressões físicas, espancar, empurrar ou pontapear; agressões verbais, como chamar nomes; ou agressões mais subtis como o isolar socialmente uma criança.

§ Esta brochura foi copiada (com pequenas alterações) com a permissão da autora, Susan Limber, do "Institute on Family and Neighborhood Life" da "Clemson University". Esta brochura, em particular, é mais adequada para os encarregados de educação dos alunos das escolas do ensino primário e preparatório.

Porque nos Focalizamos no Bullying?

Todos nós estamos preocupados acerca dos níveis de violência existentes entre os jovens das nossas comunidades e escolas. Os estudos realizados (nos EUA) demonstram que 60% das crianças identificadas como bullies das escolas médias já foram alguma vez detidos. Torna-se necessário fazer algo acerca do comportamento destes jovens, numa idade mais precoce, antes que o seu comportamento se torne ainda mais sério.

Ainda por cima, as vítimas e os bullies podem sofrer de problemas como depressão, absentismo escolar, e terem fraca auto-estima. É importante ajudar a criar um ambiente escolar onde as crianças se sintam seguras e onde possam aprender e desenvolver todas as suas melhores capacidades.

O que é que este Programa Envolve?

O Programa de Prevenção do Bullying envolve o esforço da totalidade do efectivo escolar (director(a), professores, orientadores, empregados da cantina, tutores, motoristas escolares, etc.), bem como dos alunos, dos encarregados de educação, e de outros membros da comunidade, para reduzir o bullying.

Os esforços da escola passam por:

- Identificar os bullies e as suas vítimas no sentido de resolver os problemas e as necessidades individuais
- Estabelecer regras abrangentes para a escola e aplicação de sanções consistentes contra os bullies
- Implementar reuniões regulares nas salas de aulas para discutir o bullying com as crianças

- *Aumentar a supervisão das crianças na escola*
- *Premiar as crianças pelo bom comportamento social*
- *Realizar assembleias-gerais na escola sobre o bullying*
- *Usar vídeos, livros e outros recursos sobre o bullying.*

Este Programa Ajudará?

Os estudos demonstram que o Programa de Prevenção do Bullying pode ser muito eficaz na redução do bullying, e de outros problemas anti-sociais relacionados, entre as crianças. Nos locais onde este programa foi usado, o bullying foi reduzido entre 25% a 50%. As lutas, o vandalismo, beber álcool, e outros comportamentos anti-sociais também decresceram, e as crianças e o pessoal escolar envolvido no programa assinalaram que se sentiam mais positivos acerca da escola.

Como é que os Encarregados de Educação se Poderão Envolver?

- *Através de mailings, de reuniões de pais, e de outros eventos escolares, esperamos informá-los acerca do Programa de Prevenção do Bullying e dos muitos problemas associados ao bullying.*
- *Discutiremos as formas de como determinar até que ponto as suas crianças são bullies ou vítimas de bullying, e sugerir-lhe-emos estratégias e recursos para que possa usar nesse sentido.*
- *Encorajámo-lo a se envolver mais numa diversidade de projectos criativos, desenvolvidos pela sua escola, para que se torne mais ciente dos problemas da violência e dos esforços para reduzir o bullying na escola e na comunidade.*

Como posso Saber se o/a meu/minha Educando/a é Vítima de Bullying?

O(A) seu/sua educando/a pode estar a ser vítima de bullying se ele ou ela:

- *Regressa a casa com as roupas rasgadas ou sujas, ou com livros danificados*
- *Apresenta golpes, hematomas, ou escoriações*
- *Tem poucos, se mesmo alguns, amigos que consigo brinquem*
- *Parece ter medo de frequentar a escola, ou se queixa frequentemente de dores de cabeça ou de barriga*
- *Não dorme bem ou se tem pesadelos*
- *Perde o interesse nos trabalhos da escola*

- *Parece triste, deprimido, ou irritado*
- *É ansioso ou tem fraca auto-estima*
- *É calado, sensível, ou passivo*

Se o/a seu/sua educando/a apresenta diversos destes sinais de alerta, é possível que ele ou ela seja vítima de bullying. Poderá, neste caso, querer falar com o/a seu/sua educando/a para descobrir o que o/a está a preocupar, e deverá agenda uma reunião com o pessoal escolar para discutir as suas preocupações.

Como poderei Saber se o/a meu/minha Educando/a Molesta outras Crianças?

O/A seu/sua educando/a poderá andar a molestar outras crianças se ele ou ela:

- *Goza, ameaça, ou pontapeia outras crianças*
- *Se é irascível ou impulsivo/a, ou se tem dificuldade em cumprir regras*
- *É agressivo/a para com os adultos*
- *É duro ou demonstra antipatia com as crianças que são vítimas de bullying*
- *Tem estado envolvido em outros comportamentos anti-sociais, como vandalismo ou furto.*

Se o/a seu/sua educando/a demonstra diversos destes sinais de alerta, é possível que ele ou ela moleste outras crianças. Poderá, neste caso, querer passar algum tempo extra a conversar com ele/ela acerca do seu comportamento, e deverá agendar uma reunião com o pessoal escolar para conversar acerca deste assunto.

Para mais informações acerca do Programa de Prevenção do Bullying, por favor contacte

_____ no _____.

Notas Finais

- 1 Batsche e Knoff (1994).
- 2 U.S. Secret Service (2000).
- 3 Olweus (1978); uma edição anterior foi publicada na Suécia em 1973.
- 4 Smith e outros (eds.) (1999); Farrington (1993); Smith e Brain (2000).
- 5 U.S. Department of Education (1998).
- 6 Olweus (1992).
- 7 Olweus (1992); Rigby e Slee (1999); Ortega e Lera (2000); Salmivalli (1999); Farrington (1993).
- 8 Nansel e outros (2001).
- 9 Perry, Kusel, e Perry (1988); Harachi, Catalano, e Hawkins (1999), citando Bosworth, Espelage, DuBay, Dahlberg, e Daytner (1996); Hoover, Oliver, e Hazler (1992); Olweus e Limber (1999), citando Melton, Limber, Cunningham, Osgood, Cambers, Flerx, Henggeler, e Nation (1998).
- 10 Rigby e Slee (1999); Smith, Morita, Junger-Tas, Olweus, Catalano, e Slee (1999).
- 11 Farrington (1993), citando Whitney e Smith (1991).
- 12 Clarke e Kiselica (1997).
- 13 Hoover, Oliver, e Hazler (1992); Estudantes australianos relataram o mesmo [Rigby (1996)].
- 14 Limber (1998), citando Hazler, Hoover, e Oliver (1991).
- 15 Salmivalli (1999); ver também Olweus e Limber (1999).
- 16 Salmivalli (1999); Stevens, Van Oost, e De Bourdeaudhuij (2000), citando Pepler (1994).
- 17 Clarke e Kiselica (1997).
- 18 Rigby e Slee (1999).
- 19 Limber e outros (1998).
- 20 Smith e Sharp (1994).
- 21 Rigby e Slee (1999); Ortega e Lera (2000).
- 22 Farrington (1993), citando Stephenson e Smith (1991), e Whitney e Smith (1991).
- 23 Farrington (1993), citando Zeigler e Rosenstein-Manner (1991), e Stephenson e Smith (1991).
- 24 Nansel e outros (2001).
- 25 Farrington (1993), citando Ziegler e Rosenstein-Manner (1991).
- 26 Home Office (1996).
- 27 Farrington (1993).
- 28 Olweus (1978); Smith e Brain (2000); mas consultar Bernstein e Watson (1997).
- 29 Bernstein e Watson (1997).
- 30 Farrington (1993).
- 31 Farrington (1993) reportando-se ao seu estudo anterior.
- 32 Farrington (1993).
- 33 Rigby e Slee (1999).
- 34 Junger-Tas e Van Kesteren (1999).
- 35 Harachi, Catalano, e Hawkins (1999).
- 36 Ver no geral Smith e Brain (2000) para uma discussão do estudo sobre este tópico.
- 37 Ver Harachi, Catalano, e Hawkins (1999) para uma discussão sobre estas diferentes "avenidas" dos estudos recentes sobre o bullying.
- 38 Stevens, De Bourdeaudhuij, e Van Oost (2000).
- 39 Farrington (1993); Zeigler e Rosenstein-Manner (1991).
- 40 Clarke e Kiselica (1997).
- 41 Banks, Kaplan, e Groves (2001).
- 42 Banks, Kaplan, e Groves (2001), citando a terapeuta Veronica Thomas.
- 43 Farrington (1993), citando Whitney e Smith (1991).
- 44 Farrington (1993); ver também Bernstein e Watson (1997), citando Olweus (1978); Perry, Kusel, e Perry (1988).
- 45 Bernstein e Watson (1997), citando Olweus (1978).
- 46 Schwartz, Dodge, e Cole (1993).
- 47 Hodges e Perry (1997).
- 48 Junger-Tas e Van Kesteren (1999).
- 49 Smith e Brain (2000).
- 50 Farrington (1993).
- 51 Rigby e Slee (1999).
- 52 Farrington (1993).
- 53 Junger-Tas e Van Kesteren (1999).
- 54 Ver Bernstein e Watson (1997) para uma discussão do estudo sobre as vítimas crônicas; também ver Perry, Kusel, e Perry (1988).
- 55 Farrington (1993); Olweus (1993).
- 56 ver no geral Bernstein e Watson (1997).

57 Bernstein e Watson (1997); também consultar Salmivalli (1999).

58 Olweus (1992).

59 Harachi, Catalano, e Hawkins (1999).

60 Farrington (1993), citando Stephenson e Smith (1991); para conclusões similares, consultar também Roland (2000).

61 Olweus e Limber (1999); Pitts e Smith (1996); também consultar a avaliação feita pelo The Center for the Study and Prevention of Violence, em www.Colorado.EDU/cspv.

62 Stevens, De Bourdeaudhuij, e Van Oost (2000); Stevens encontrou zero resultados nas escolas secundárias.

63 Pitts e Smith (1996); mas ver Stevens, De Bourdeaudhuij, e Van Oost (2000).

64 Limber e outros (1998).

65 Correspondência pessoal de Sue Limber para a autora, November 9, 2001.

66 Correspondência pessoal de Sue Limber para a autora, November 9, 2001.

67 Correspondência pessoal de Sue Limber para a autora, November 9, 2001..

Referências

- Banks, S., K. Kaplan, e M. Groves (2001). "Web Site Where Students Slung Vicious Gossip Is Shut Down." *Los Angeles Times*, Março 3, p. A1.
- Batsche, G., e H. Knoff (1994). "Bullies and Their Victims: Understanding a Pervasive Problem in the Schools." *School Psychology Review* 23(2):165–174.
- Bernstein, J., e M. Watson (1997). "Children Who Are Targets of Bullying: A Victim Pattern." *Journal of Interpersonal Violence* 12(4):483–498.
- Clarke, E., e M. Kiselica (1997). "A Systemic Counseling Approach to the Problem of Bullying." *Elementary School Guidance and Counseling* 31(4):310–335.
- Eron, L., L. Huesmann, E. Dubow, R. Romanoff, e P. Yarmel (1987). "Aggression and Its Correlates Over 22 Years." Em D. Crowell, I. Evans e C. O'Donnell (eds.), *Childhood Aggression and Violence: Sources of Influence, Prevention and Control*. New York: Plenum Press.
- European Commission (atualizado 2001). "TMR Network Project: Nature and Prevention of Bullying." www.gold.ac.uk/tmr.
- Farrington, D. (1993). "Understanding and Preventing Bullying." Em M. Tonry (ed.), *Crime and Justice: A Review of Research*, Vol. 17. Chicago e Londres: University of Chicago Press.
- Glover, D., e N. Cartwright, com D. Gleeson (1998). *Towards Bully-Free Schools: Interventions in Action*. Buckingham (Inglaterra): Open University Press.
- Harachi, T., R. Catalano, e J. Hawkins (1999). "United States." Em P. Smith, Y. Morita, J. Junger-Tas, D. Olweus, R. Catalano, e P. Slee (eds.), *The Nature of School Bullying: A Cross-National Perspective*. Londres e Nova York: Routledge.
- Hodges, E., M. Malone, e D. Perry (1997). "Individual Risk and Social Risk as Interacting Determinants of Victimization in the Peer Group." *Developmental Psychology* 33(6):1032–1039.
- Home Office (1996). *Preventing School Bullying: Things You Can Do*. Londres: Home Office, Police Research Group.
- Hoover, J., R. Oliver, e R. Hazler (1992). "Bullying: Perceptions of Adolescent Victims in the Midwestern USA." *School Psychology International* 13(1):5–16.
- Junger-Tas, J., e J. Van Kesteren (1999). *Bullying and Delinquency in a Dutch School Population*. Haia (Holanda): Kugler Publications.
- Kaufman, P., X. Chen, S. Choy, S. Ruddy, A. Miller, J. Fleury, K. Chandler, M. Rand, P. Klaus, e M. Planty (2000). *Indicators of School Crime and Safety, 2000*. Washington, D.C.: U.S. Departments of Education and Justice.
- Limber, S., V. Flerx, M. Nation, e G. Melton (1998). "Bullying Among School Children in the United States." Em M. Watts (ed.), *Contemporary Studies in Sociology*, Vol. 18. Stamford (Connecticut): Jai Press Inc.
- Nansel, T., M. Overpeck, R. Pilla, W. Ruan, B. Simons-Morton, e P. Scheidt (2001). "Bullying Behaviors Among US Youth: Prevalence and Association With Psychosocial Adjustment." *Journal of the American Medical Association* 285(16):2094–2100.

Naylor, P., e H. Cowie (1999). "The Effectiveness of Peer Support Systems in Challenging School Bullying: The Perspectives and Experiences of Teachers and Pupils." *Journal of Adolescence* 22:467–479.

Olweus, D. (1992). "Bullying Among Schoolchildren: Intervention and Prevention." Em R. Peters, R. McMahon e V. Quinsey (eds.), *Aggression and Violence Throughout the Life Span*. Newbury Park (California): Sage Publications.

(1978). *Aggression in the Schools: Bullies and Whipping Boys*. Washington, D.C.: Hemisphere Press.

Olweus, D., e S. Limber (1999). "Bullying Prevention Program." Em D. Elliott (ed.), *Blueprints for Violence Prevention*. Boulder (Colorado): Institute of Behavioral Science, Regents of the University of Colorado.

O'Moore, M. (1999). "Critical Issues for Teacher Training To Counter Bullying and Victimization in Ireland." *Aggressive Behavior* 26:99–111.

Ortega, R., e M. Lera (2000). "The Seville Anti-Bullying in School Project." *Aggressive Behavior* 26:113–123.

Perry, D., S. Kusel, e L. Perry (1988). "Victims of Peer Aggression." *Developmental Psychology* 24(6):807–814.

Peterson, L., e K. Rigby (1999). "Countering Bullying at an Australian Secondary School, With Students as Helpers." *Journal of Adolescence* 22:481–492.

Pitts, J., e P. Smith (1996). *Preventing School Bullying*. Police Research Series, Paper 63. London: Home Office.

Rigby, K. (1996). "Preventing Peer Victimization in Schools." Em C. Sumner, M. Israel, M. O'Connell, e R. Sarre (eds.), *International Victimology: Selected Papers From the Eighth International Symposium*. Griffith (Australia): Australian Institute of Criminology.

Rigby, K., e P. Slee (1999). "Australia." Em P. Smith, Y. Morita, J. Junger-Tas, D. Olweus, R. Catalano, e P. Slee (eds.), *The Nature of School Bullying: A Cross-National Perspective*. Londres e Nova York: Routledge.

Roland, E. (2000). "Bullying in School: Three National Innovations in Norwegian Schools in 15 Years." *Aggressive Behavior* 26:135–143.

Salmivalli, C. (1999). "Participant Role Approach to School Bullying: Implications for Interventions." *Journal of Adolescence* 22:453–459.

Schwartz, D., K. Dodge, e J. Cole (1993). "The Emergence of Chronic Peer Victimization in Boys' Play Groups." *Child Development* 64:1755–1772.

Smith, P., e P. Brain (2000). "Bullying in Schools: Lessons From Two Decades of Research." *Aggressive Behavior* 26:1–9.

Smith, P., e S. Sharp (1994). *School Bullying: Insights and Perspectives*. Londres e Nova York: Routledge.

Smith, P., Y. Morita, J. Junger-Tas, D. Olweus, R. Catalano, e P. Slee (eds.) (1999). *The Nature of School Bullying: A Cross-National Perspective*. Londres e Nova York: Routledge.

Stevens, V., I. De Bourdeaudhuij e P. Van Oost (2000). "Bullying in Flemish Schools: An Evaluation of Anti-Bullying Intervention in Primary and Secondary Schools." *British Journal of Educational Psychology* 70:195–210.

Stevens, V., P. Van Oost, e I. De Bourdeaudhuij (2000). **"The Effects of an Anti-Bullying Intervention Programme on Peers' Attitudes and Behaviour."** *Journal of Adolescence* 23:21–34.

U.S. Department of Education (1998). **Preventing Bullying: A Manual for Schools and Communities.** Washington, D.C.: U.S. Department of Education. Disponível a pedido em www.ed.gov/pubs.

U.S. Secret Service (2000). **An Interim Report on the Prevention of Targeted Violence in Schools.** www.treas.gov/uss.

Zeigler, S. e M. Rosenstein-Manner (1991). **Bullying in School.** Toronto: Board of Education.

Acerca da Autora

Rana Sampson

Rana Sampson é consultora nacional de policiamento orientado para os problemas e antiga directora de segurança pública da Universidade de San Diego. Anteriormente, pertenceu aos quadros da Casa Branca; do National Institute of Justice; foi estudiosa de topo e formadora no Police Executive Research Forum; advogada; e agente policial de patrulha, agente encoberta dos narcóticos e sargento da patrulha do New York City Police Department, onde foi agraciada com diversos louvores e onde ganhou o prémio denominado National Improvement of Justice Award. É co-autora (juntamente com Michael Scott) de literatura sobre como combater o crime e outros problemas de segurança pública: sobre o estudo de casos na resolução de problemas, documentação esta, de alta qualidade sobre os esforços para o controlo do crime, que têm sido de grande valia por todos os EUA, Canadá e Europa. É júri do prémio Herman Goldstein para excelência no policiamento orientado para os problemas, antiga júri policial dos prémios a Fulbright, e comissária na Commission on Peace Officer Standards and Training da Califórnia. Sampson é detentora de um doutoramento da Harvard University e de um bacharelato do Barnard College, da Columbia University.

Outros Guias sobre Policiamento Orientado aos Problemas

Série de Guias para Problemas Específicos:

1. **Assaults in and Around Bars.** Michael S. Scott. 2001. ISBN: 1-932582-00-2
2. **Street Prostitution.** Michael S. Scott. 2001. ISBN: 1-932582-01-0
3. **Speeding in Residential Areas.** Michael S. Scott. 2001. ISBN: 1-932582-02-9
4. **Drug Dealing in Privately Owned Apartment Complexes.** Rana Sampson. 2001. ISBN: 1-932582-03-7
5. **False Burglar Alarms.** Rana Sampson. 2001. ISBN: 1-932582-04-5
6. **Disorderly Youth in Public Places.** Michael S. Scott. 2001. ISBN: 1-932582-05-3
7. **Loud Car Stereos.** Michael S. Scott. 2001. ISBN: 1-932582-06-1
8. **Robbery at Automated Teller Machines.** Michael S. Scott. 2001. ISBN: 1-932582-07-X
9. **Graffiti.** Deborah Lamm Weisel. 2002. ISBN: 1-932582-08-8
10. **Thefts of and From Cars in Parking Facilities.** Ronald V. Clarke. 2002. ISBN: 1-932582-09-6
11. **Shoplifting.** Ronald V. Clarke. 2002. ISBN: 1-932582-10-X
12. **Bullying in Schools.** Rana Sampson. 2002. ISBN: 1-932582-11-8
13. **Panhandling.** Michael S. Scott. 2002. ISBN: 1-932582-12-6
14. **Rave Parties.** Michael S. Scott. 2002. ISBN: 1-932582-13-4
15. **Burglary of Retail Establishments.** Ronald V. Clarke. 2002. ISBN: 1-932582-14-2
16. **Clandestine Drug Labs.** Michael S. Scott. 2002. ISBN: 1-932582-15-0
17. **Acquaintance Rape of College Students.** Rana Sampson. 2002. ISBN: 1-932582-16-9
18. **Burglary of Single-Family Houses.** Deborah Lamm Weisel. 2002. ISBN: 1-932582-17-7
19. **Misuse and Abuse of 911.** Rana Sampson. 2002. ISBN: 1-932582-18-5
20. **Financial Crimes Against the Elderly.** Kelly Dedel Johnson. 2003. ISBN: 1-932582-22-3
21. **Check and Card Fraud.** Graeme R. Newman. 2003. ISBN: 1-932582-27-4
22. **Stalking.** The National Center for Victims of Crime. 2004. ISBN: 1-932582-30-4
23. **Gun Violence Among Serious Young Offenders.** Anthony A. Braga. 2004. ISBN: 1-932582-31-2
24. **Prescription Fraud.** Julie Wartell e Nancy G. La Vigne. 2004. ISBN: 1-932582-33-9
25. **Identity Theft.** Graeme R. Newman. 2004. ISBN: 1-932582-35-3
26. **Crimes Against Tourists.** Ronald W. Glesnor e Kenneth J. Peak. 2004. ISBN: 1-932582-36-3
27. **Underage Drinking.** Kelly Dedel Johnson. 2004. ISBN: 1-932582-39-8
28. **Street Racing.** Kenneth J. Peak e Ronald W. Glesnor. 2004. ISBN: 1-932582-42-8
29. **Cruising.** Kenneth J. Peak e Ronald W. Glesnor. 2004. ISBN: 1-932582-43-6
30. **Disorder at Budget Motels.** Karin Schmerler. 2005. ISBN: 1-932582-41-X
31. **Drug Dealing in Open-Air Markets.** Alex Harocopos e Mike Hough. 2005. ISBN: 1-932582-45-2
32. **Bomb Threats in Schools.** Graeme R. Newman. 2005. ISBN: 1-932582-46-0
33. **Illicit Sexual Activity in Public Places.** Kelly Dedel Johnson. 2005. ISBN: 1-932582-47-9
34. **Robbery of Taxi Drivers.** Martha J. Smith. 2005. ISBN: 1-932582-50-9
35. **School Vandalism and Break-Ins.** Kelly Dedel Johnson. 2005. ISBN: 1-932582-51-7
36. **Drunk Driving.** Michael S. Scott, Nina J. Emerson, Louis B. Antonacci, e Joel B. Plant. 2006. ISBN: 1-932582-57-6
37. **Juvenile Runaways.** Kelly Dedel. 2006. ISBN: 1-932582-56-0
38. **The Exploitation of Trafficked Women.** Graeme R. Newman. 2006. ISBN: 1-932582-59-2
39. **Student Party Riots.** Tamara D. Madensen e John E. Eck. 2006. ISBN: 1-932582-60-6
40. **People with Mental Illness.** Gary Cordner. 2006. ISBN: 1-932582-63-0
41. **Child Pornography on the Internet.** Richard Wortley e Stephen Smallbone. 2006. ISBN: 1-932582-65-7
42. **Witness Intimidation.** Kelly Dedel. 2006. ISBN: 1-932582-67-3
43. **Burglary at Single-Family House Construction Sites.** Rachel Boba e Roberto Santos. 2006. ISBN: 1-932582-00-2
44. **Disorder at Day Laborer Sites.** Rob Guerette. 2007. ISBN: 1-932582-72-X
45. **Domestic Violence.** Rana Sampson. 2007. ISBN: 1-932582-74-6
46. **Thefts of and from Cars on Residential Streets and Driveways.** Todd Keister. 2007. ISBN: 1-932582-76-2
47. **Drive-By Shootings.** Kelly Dedel. 2007. ISBN: 1-932582-77-0

48. **Bank Robbery.** Deborah Lamm Weisel. 2007. ISBN: 1-932582-78-9
49. **Robbery of Convenience Stores.** Alicia Altizio e Diana York. 2007. ISBN: 1-932582-79-7
50. **Traffic Congestion Around Schools.** Nancy G. La Vigne. 2007. ISBN: 1-932582-82-7
51. **Pedestrian Injuries and Fatalities.** Justin A. Heinonen e John E. Eck. 2007. ISBN: 1-932582-83-5
52. **Bicycle Theft.** Shane D. Johnson, Aiden Sidebottom, e Adam Thorpe. 2008. ISBN: 1-932582-87-8
53. **Abandoned Vehicles.** Michael G. Maxfield. 2008. ISBN: 1-932582-88-6
54. **Spectator Violence in Stadiums.** Tamara D. Madensen e John E. Eck. 2008. ISBN: 1-932582-89-

Série de Guias de Respostas:

1. **The Benefits and Consequences of Police Crackdowns.** Michael S. Scott. 2003. ISBN: 1-932582-24-X
2. **Closing Streets and Alleys to Reduce Crime: Should You Go Down This Road?** Ronald V. Clarke. 2004. ISBN: 1-932582-41-X
3. **Shifting and Sharing Responsibility for Public Safety Problems.** Michael S. Scott e Herman Goldstein. 2005. ISBN: 1-932582-55-X
4. **Video Surveillance of Public Places.** Jerry Ratcliffe. 2006 ISBN: 1-932582-58-4
5. **Crime Prevention Publicity Campaigns.** Emmanuel Barthe. 2006 ISBN: 1-932582-66-5
6. **Sting Operations.** Graeme R. Newman com a assistência de Kelly Socia. 2007. ISBN: 1-932582-84-3
7. **Asset Forfeiture.** John L. Worall. 2008 ISBN: 1-932582-90-8

Série de Ferramentas para Resolução de Problemas:

1. **Assessing Responses to Problems: An Introductory Guide for Police Problem-Solvers.** John E. Eck. 2002. ISBN: 1-932582-19-3
2. **Researching a Problem.** Ronald V. Clarke e Phyllis A. Schultz. 2005. ISBN: 1-932582-48-7
3. **Using Offender Interviews to Inform Police Problem-Solving.** Scott H. Decker. 2005. ISBN: 1-932582-49-5
4. **Analyzing Repeat Victimization.** Deborah Lamm Weisel. 2005. ISBN: 1-932582-54-1
5. **Partnering with Businesses to Address Public Safety Problems.** Sharon Chamard. 2006. ISBN: 1-932582-62-2
6. **Understanding Risky Facilities.** Ronald V. Clarke e John E. Eck. 2007. ISBN: 1-932582-75-4
7. **Implementing Responses to Problems.** Rick Brown e Michael S. Scott. 2007. ISBN: 1-932582-80-0
8. **Using Crime Prevention Through Environmental Design in Problem-Solving.** Diane Zahm. 2007. ISBN: 1-932582-81-9
9. **Enhancing the Problem-Solving Capacity of Crime Analysis Units.** Matthew B. White. 2008. ISBN: 1-932582-85-1

Publicações Especiais:

- Crime Analysis for Problem Solvers in 60 Small Steps,** Ronald V. Clarke e John Eck, 2005. ISBN:1-932582-52-5
- Policing Terrorism: An Executive's Guide,** Graeme R. Newman e Ronald V. Clarke, 20

Guias Policiais sobre Policiamento Orientado aos Problemas a serem publicados

Guias para Problemas Específicos

Child Abuse and Neglect in the Home
Transient Encampments

Street Robbery
Stolen Goods Markets
Thefts from Cafés and Bars
Aggressive Driving
Theft of Scrap Metal
Problem-Solving Tools
Displacement
Response Guides
Assigning Police Officers to Schools
Dealing with Crime and Disorder in Urban Parks
Special Publications
Effective Policing and Crime Prevention: A Problem-Oriented
Guide for Mayors, City Managers, and County Executives
Intelligence Analysis and Problem-Solving

Para mais informações acerca da série de Guias Policiais sobre Policiamento Orientado aos Problemas e outras publicações do “COPS Office”, contacte o “COPS Office Response Center” através do contacto telefónico n.º 800.421.6770, ou via e-mail em askCOPSRC@usdoj.gov, ou visite a página online do “COPS Office” em www.cops.usdoj.gov.

Center for Problem-Oriented Policing

Tem um problema? Nós temos a resposta!

Ligue-se ao website do “Center for Problem-Oriented Policing” em www.popcenter.org para aceder a um conjunto de informações de grande valor que o ajudarão a lidar com mais eficácia com o crime e a desordem na sua comunidade, incluindo:

- *Versões melhoradas de todos os Guias normalmente disponíveis*
- *Exercícios Interactivos de treino*
- *Acesso on-line a estudos e a práticas policiais concebidas para a polícia e para aqueles que com ela trabalham na resolução dos problemas comunitários, www.popcenter.org é um excelente recurso para o policiamento orientado para os problemas.*

Com o apoio do “Office of Community Oriented Policing Services, do U.S. Department of Justice.



O Guia, agora denominado “Bullying nas Escolas” fornece, às polícias, informação acerca das causas e da extensão do problema do bullying escolar e faz recomendações para o desenvolvimento de abordagens e práticas que contribuam para a segurança dos estudantes.